

O TIL

JORNAL LITTERARIO E RECREATIVO.

Por seis mezes
28000 reis.

Numero avul-
so 200 reis.

PAGAMENTO ADIANTADO.

N. 12 }

1874.

{ ANNO I.

AVISO

Recbe-se assignaturas para este jornal, somente por tres mezes, a comecar de Janeiro em diante.

Outro sim roga-se aos srs. assignantes que ainda não pagarão as suas assignaturas a bondade de virem satisfazer, o mais breve possivel.

Assim como os srs. assignantes que não receberem logo pela manhã o nosso jornal, o obsequio de mandal-o procurar no escriptorio da typographia, das 10 as 11 horas da manhã.

LITTERATURA.

A penitente.

I

Foi n'uma sexta-feira de tarde.

No templo da Graça ajoelhavão-se os christãos ante a imagem veneranda do filho de Deus.

Pelas janellas da igreja coava-se a debil claridade do crepusculo, que, junta a luz frouxa de algumas lampadas, augmentava a melancolica magestade daquelle recinto.

Todos ião alli cumprir promessas sagradas feitas ao Senhor nas horas angustiosas da vida.

Pelas roupas luctuosas que envolvião todos os crentes dir-se-hia que essas promessas tinham nascido de uma desgraça commum.

II

De entre todos estes grupos negros sobresahião dous entes grandiosos.

Era o homem Deus vergando sob o peso da cruz, e uma virgem que se ajoelhava ante o altar, vestida de cor róxa da tunica do Senhor.

Na fronte angusta do Christo brilhava a resignação divina dominando as rugas do soffrimento.

Os olhos da virgem fixavão-se nas orações de um livro; e a pureza do seu rosto era inalteravel e deliciosa como as harmonias do Evárgelho.

Erão os dous idolos daquelle templo, e parecia que para ambos se elevava o culto do povo.

A cor das vestes, a magestade das figuras, a resplandescencia das fronte tornava-os vultos de um só quadro.

E nesse quadro poderia dizer-se que a belleza da donzella era reflexo do olhar magnanimo do Redemptor.

III

Erguem-se os christãos para beijar o pé do Senhor.

Levanta-se tambem a virgem.

Oh ! como é linda agora de pé aquella filha do céu !

A sua imagem é uma fantasia de Byron—os cabellos um capricho d'arte—os olhos um envelo de anjos—a boca um suspiro de amor—as mãos uma ficção de Miguel Angelo—os pés um sopro de fadas.

E' pequena, muito pequena, que para mais não teria Deus encantos nem mimos.

E vai tambem beijar o pé do Senhor.

Cumprira uma promessa, ou será o elo que prende os cultos da terra á mansão da Divindade ?

IV

Ha um anno sentira-se a donzella definir lentamente.

Desbotavão-se-lhe as faces, enfraquecia-se-lhe o corpo de momento para momento.

Só o brilho dos olhos é que era mais vivo do que nunca, como se a essencia de todas as graças da virgem tendesse a concentrar-se nelles para se elevar depois as regiões donde emanára.

E para a medicina não havia symptomas que determinassem a doença.

Tristeza do mundo humedecião-lhe os olhos; mas a alma sorria-lhe angelicamente na boca.

Erão as esperanças que adejavão por sobre os prantos da saúde, como o sorrir da aurora nas pétalas orvalhadas da rosa.

V

Um dia tornou-se pallida que estremerão de dor as pessoas que a cercavão.

A sua vista alongou-se no espaço, e os labios tremularão-lhe meigamente pelo perpassar de alguma supplica que lhe vinha do coração.

O pacto que se deu entre a donzella e o céo ninguém o soube.

Depois as graças e os mimos reverdecêrão nella com mais gentileza.

E a virgem deixou os caprichos da moda para se vestir da côr roxa da túnica do Senhor.

VI

Ao passar pelas ruas da cidade todos pararão a admiral-a.

O seu rosto conserva a mesma suavidade.

E' que na vida daquelle coração tudo é puroe crystallino como um sonho encantado.

Amores ardentes, não creiais que ella possa te-los.

As suas affeições hão de ser delicadas e suavissimas como o perfume das flores.

O tumultuar das paixões pertubaria

a serenidade daquelle espirito, e faria que nelle se não reflectisse o raio de luz celeste que o illumina.

E ao vê-la sente-se na alma impressões mysteriosas de uma vaga melancolia, que se não dizem em linguagem de homens.

Depois...é melhor não vê-la mais para se viver de saudade.

MANOEL ROUSSADO.

VARIÉDADE

AVENTURAS SENTIMENTAES

DE UMA FLORISTA E DE UM ESTUDANTE

PASSADAS NO RIO DE JANEIRO

Com licença de Arsène Houssay

(Continuação)

TOMO SEGUNDO

VII

—Ai! ai! gritou um dia Albertina, tu amarrotas os meus collarinhos!

—Tu não tens collarinhos! disse Adolpho com despeito.

—Sim, mas machucas-me o hombro.

—Vai-se o amor, disse Adolpho com distracção.

Mas Adolpho antecipava seu julgamento, porque o amor ainda não chegara.

VIII

CANDURA E INNOCENCIA DE FLORISTA

Uma noute, ao entrar no seu quarto, Adolpho surprehendeu Albertina lendo uma carta. Ella procurou escondel-a no seio, mas elle conhecia a mala do correio, e por isso arrancou este pedaço da epistola:

aremos nossas janellas, adeus o telè
Quando isto me divertia, apesar de
porque vossa carta me entristeceu. Deus
um mantelete; mas juro que
manhã as oito horas da noite
anjo do céu, eu te amo e
nunca me esquecerei.

se Gonçalves.

« P. S. Quiz mandar-te o mantelete , mas o moleque que te leva esta resposta estava já longe quando me lembrei que tinha esquecido de mandar-te o mantelete com a carta, fica para outra vez.

Adolpho, que riu-se da singeleza do post-scriptum, escreveu ao seductor.

« Meu caro. O fogo do seu amor não pôde acconder as paixões de Albertina ; mas o que lhe posso garantir, é que o seu mantelete serviu para accender o fogo... da cosinha.

IX

FIDELIDADE

Uma noute, no Alcazar, Adolpho ficou fascinado pelo olhares magneticos de uma dansarina ! Albertina cahiu do altar.

— A menina é encantadora, murmurou Adolpho ao passar pela serêa, que o mirou com ironia. — Eu bem sei, replicou elle, que repito uma phrase já sedicça, mas as verdades como esta, sempre são preferiveis,

A jovem franceza, nada tendo que dizer, sorriu-se para elle. O caminho estava franco, mas a preguiça fez com que Adolpho não fosse inconstante.

Entretanto Adolpho continuava a esquecer-se de Albertina.

FIM DO SEGUNDO TOMO

(Continúa.)

POESIAS.

Aos annos do menino

FILINTO ELYSIO.

Dous annos já de existencia
Conta a tua insonte vida,
N' este mundo de illusões,
N' este mar de insana lida.

Qual romeiro viandante
Já tomaste o teu bordão,
E dous annos ha que encetaste
A tua peregrinação.

Por tredas, invias semitas,
Por veredas isoladas
Inevitavel é o transito,
Segundo as leis decretadas.

Se é longa ou breve a viagem
Não sabes, gentil infante;
Caminhar é a divisa,
Descançar nem um instante.

Oxalá que no decurso
De tão penosa jornada
Teus passos jámais vacillem
Na mais sinuosa estrada.

Se abrasados areas
Tiveres de percorrer,
Tem fé em Deus e prosegue,
Confia no seu poder.

Nunca de ti se apodere
O desespero, o temor,
Que adiante surgirão
Oasis no seu verdor.

E quando ao termo chegares
De tua peregrinação,
Olhando a senda trilhada
Diràs em teu coração:

« E assim resume-se a vida
« Terrena da creatura:
« — Caminhar, soffrer, gozar,
« Descançar na sepultura! » —

Dezembro , 25, de 1874.

AMOR.

Com voz suave, e com rir tão doce
Ella me troce, um amôr febril,
Com mil afagos, com amôr da infancia
Deu-me constancia, de mulher gentil.

Deu-me os amores, que a sorte levou
Deu-me e tornou, com olhar fagueiro
Amo-te muito, meu amôr é puro
Cujo o futuro, eu espero ligeiro.

Deu-me sua mão, que estava já fria
E eu tremia, mais por um instante,
Amo-te ainda, por toda essa vida
Mesmo perdida, te amarei constante.

M. ROSAS.

Eu tenho ciumes.

Eu tenho ciumes, de ver-te donzella.
Co'os olhos fitando es passos d'alguem ;
Eu tenho ciumes, de ver-te brincando,
Só quero que ames a mim mais ninguém.

Eu tenho ciumes, gentil seiliceira
Qu'os anjos do céu te venhão pois ver ;
Eu tenho ciumes, que outros te fallem,
Eu tú vaidosa não vejas eu soffrer.

Eu tenho ciumes, quando te não vejo.
Co'os labios mui bellos fallando em amor ;
Eu tenho ciumes, de ver-te no baile
Qual Venus walsando com todo primor.

Eu tenho ciumes, de ver-te tão linda.
No baile, faceira com outro a walsar ;
Eu tenho ciumes, nas voltas que daes
Se fallem donzella, se queirão amar.

Eu tenho ciumes, e mais ja terei
Se um dia te ver com outro a brincar ;
Eu tenho ciumes, e tú oh ! louquinha
Não queiras q' eu soffra, se quero te amar.

Eu tenho ciumes, ciumes de uns olhos,
Que brilhão meu Deus ! qual sól no raiar ;
Eu tenho ciumes, se tú de mim foges,
Não posso donzella, fugir de te amar.

Eu tenho ciumes, de ver-te no baile,
De ver-te faceira, por seres bonita ;
Eu tenho ciumes, que prendas alguem
Nas fallas de amores, no faço de fita.

Eu tenho ciumes, quem è que não tem ?
Se ellas tão loucas só querem amar ;
Eu tenho ciumes, e sempre terei,
Se ella no baile, sem mim fôr dançar.

Dezembro, 26—74.

S. NEVES.

Logogripho

(Ao logogriphista W.)

Sem mim não póde
Saber hayer. 1—2
Sou o refugio
Do padecer 1—2—3

Existo em terra,
Tambem no mar . . . 3—1
Logo que nasce
Quer caminhar 4—5

Sou qualidade
Essencial
P'ra noiva ter
Rico enxoval 4—3

Entre a familia
Esta ha de estar:
Procura bem
Que has de encontrar . . 2—5

CONCEITO

Meu Deus! que vida !
Que insana lida!
Que labutar!
Uns passeiando,
E eu trabalhando
Sem descançar !

Catharino.

Charada.

Se me tirar uma letra
Na montanha me hão de ver. 2—7
Corro de dia e de noite
Nunca canço de correr. 3—4

CONCEITO

Sou das boticas
Veneno vulgar;
E nos planetas
Me hão de encontrar.

H. Silva.

A decifração do logogripho do numero antecedente é— *amortecido*, e da charada em quadro é

C A F É
A M O R
F O M E
E R E O

CORRIGENDA

No Log g i pho publicado no numero antecedente deste Jornal, na terceira quadra em lugar de—se tomares a quarta diga-se— se tomares a quinta.

Typ. do «Conservador.»